

RAQUEL-GUERREIRA DOS ANOS 70 DÁ AS MÃOS À GUIOMAR, DONZELA-GUERREIRA MEDIEVAL E TAMBÉM À BÍBLICA DÉBORA DA ANTIGÜIDADE¹.

Rosa Walda Abreu Marquart²

RESUMO

A mulher sempre lutou por espaço na sociedade. Raquel, de *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, pode ser comparada à juíza bíblica Débora e à *donzela-guerreira* Guiomar, de *Donzela que vai à Guerra*, do português António Torrado. Elas enfrentam a guerra (ou situações probantes que se assemelham a conflitos bélicos) a fim de ser respeitadas e de também atuar em favor do *outro*. Débora, Guiomar e Raquel bem poderiam representar a mulher lutadora na Antigüidade, na Idade Média e nos nossos dias.

(Palavras chave: Mulher, guerra, masculinidade, feminilidade, palavra)

Em todos os tempos, a mulher tem procurado lutar pelo seu espaço na sociedade. É uma batalha contra o difundido conceito de que a representante do sexo considerado *frágil* é incapaz de grandes feitos, como guerrear, por exemplo. Em geral, considera-se o espírito combativo um atributo do sexo masculino, tido como *forte*. Todavia, encontramos dezenas de relatos históricos de mulheres que se celebrizaram ao tomarem atitudes reputadas como masculinas, surpreendendo o mundo com sua atuação. É o caso de Mu-Lan³, jovem chinesa do século V, que se veste de homem e vai às guerras em lugar do pai; de Boadicéia, rainha celta do século I, mesmo viúva e mãe de filhas somente, que lidera os bretões contra o domínio romano; de Clara Camarão, índia brasileira, que em 1630, cavalga de lança em punho ao lado do marido, nas guerras contra os

¹ Este trabalho é um resumo de algumas das idéias contidas em MARQUART, Rosa Walda Abreu. *Mulheres Guerreiras - um estudo comparativo entre Débora, a profetisa-juíza; Guiomar, a donzela-guerreira e Raquel, a menina da bolsa amarela*. São Paulo, 2001. 108p. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

² Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo - USP. Professora de Teoria Literária e Literatura Infanto-juvenil na Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo.

³ Mu-Lan e as demais guerreiras aqui citadas são mencionadas em GALVÃO, Walnice Nogueira. *A Donzela-Guerreira. Um Estudo de Gênero*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

holandeses, em Pernambuco; das irmãs Trung, no Vietnã, em 43 d.C, que lideram uma sublevação contra o poderio chinês; de Jael e Débora, em 1.125 a. C., contribuindo para o livramento israelita do jugo de Jabim, um rei cananeu.

Nos dias de hoje, porém, a mulher já tem obtido relevantes vitórias na conquista de igualdade de oportunidades em muitas áreas da atuação humana e, por tal razão, cada vez mais se vêem representantes do sexo feminino prestando serviço nas guerras.

No entanto, propomos o emprego da expressão *mulheres guerreiras* não somente para essas mulheres que literalmente lutam nos campos de batalha, mas também como uma espécie de metáfora para aquelas que enfrentam as situações de constante hostilidade com as quais o ser humano convive diariamente. E tais *guerras* nem se restringem à diferença de sexos, mas são as guerras do ser humano contra ele mesmo, ou contra seus iguais, sejam eles homens ou mulheres: a *guerra* do trânsito, a *guerra* entre casais que se separam, a *guerra* entre irmãos, a *guerra* entre sócios que não se entendem, a *guerra* contra a solidão, a *guerra* contra as injustiças sociais, a *guerra* contra miséria e a falta de perspectivas, e tantas outras guerras.

Assim posto, percebemos duas grandes obviedades: a primeira, de que impossível seria nomear todas as guerras ensejadas pelos seres humanos; e a segunda, de que, todos nós somos guerreiros e guerreiras em constante atuação. Mas, se estamos falando de *mulheres guerreiras*, haveremos de considerar apenas o papel da *mulher* nesses embates cotidianos.

Se na vida real encontramos inúmeros exemplos de *mulheres guerreiras*, o mesmo ocorre na literatura, uma vez que essa é uma espécie de espelho da sociedade, retratando as mazelas, as pelejas, as vitórias ou os fracassos da vida humana. Especificamente na literatura brasileira, deparamo-nos com uma profusão de personagens fortes, que se destacam pelo espírito de luta, refletindo as aspirações da alma feminina na época em que foram elaboradas. Dentre as tantas *mulheres guerreiras* dos romances brasileiros, elegemos como objeto de uma breve reflexão, a

pequena Raquel, protagonista do livro *A Bolsa Amarela*⁴, uma produção literária destinada ao público infanto-juvenil, de autoria da escritora Lygia Bojunga Nunes.

Raquel, uma pré-adolescente brasileira da década de 70, possui três aspirações que muito a oprimem e as quais denominam *vontades gordas*: o desejo de ser menino, a vontade de crescer logo e o almejo de ser escritora. A narrativa inicia-se com a protagonista tentando encontrar um lugar para esconder essas vontades, que ameaçam descontrolar-se. Pelo andamento da história, notamos que Raquel vivencia uma espécie de *guerra* em seu mundo, a qual se apresenta de muitas maneiras:

Há um clima de perene hostilidade no lar da menina. A família vive em conflito após a mudança do interior para a cidade grande: “Era tão bom quando eu morava lá na roça. (...) Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada (...). Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo mundo a ficar emburrado”.(p.18)

A menina percebe que, aos poucos, vai deixando de existir o amor, a solidariedade, a compreensão e o respeito em seu lar. Acha que os irmãos não a toleram e que os pais a ignoram: “O pessoal ficou todo contra mim”. (p.14) “Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo”.(p.17) “O que eu vi é que a gente não tinha mais papo”. (p.17)

Raquel é menina curiosa, comunicativa e precisa conversar, trocar idéias. No entanto, ela mesma confidencia: “Ando querendo bater um papo, mas ninguém está a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão”. (p.12)

A família de Raquel é extremamente rígida em relação à menina. Ao saírem os pais rumo ao trabalho, uma das irmãs torna-se a responsável pela casa. Como Raquel tem pouca idade, a irmã coloca-se como sua guardadora, impedindo-a de ver ou receber amigos e trancando-a na

⁴ NUNES, Lygia Bojunga Nunes. *A Bolsa Amarela*. 25. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

residência: “Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir à casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta...” (p.14)

Raquel novamente percebe o poder ditatorial do mais forte durante o almoço na casa de uma tia (ironicamente chamada Brunilda, nome de origem germânica, cujo significado é *guerreira armada*). O prato principal é bacalhoadada, que a menina não suporta e tenta se esquivar de comer, expressando bravamente sua vontade. Mas, é interrompida abruptamente pelo pai: “- Bobagem da Raquel, ela gosta sim”(p.66). A pequena tenta pedir socorro à mãe, mas sem êxito: “Olhei pra minha mãe e ela fez cara de quem diz: ‘não cria caso, sim, Raquel?’ ” (p.66). Até os irmãos se sentem no direito de dobrar sua vontade: “Meu irmão tava do meu lado e disse ‘come’. Minha irmã tava do outro e me deu uma cutucada pra comer”(p.66).

Poderíamos dizer que Raquel vive num clima de guerra, também em virtude da discriminação que sofre por ser a filha caçula, temporã: “Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há mais tempo, menos eu”(p.12). E sua amargura cresce quando sente que não foi desejada: “Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: ‘A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora.’ ” (p.12). E esse é um dos motivos pelos quais a menina acalenta a vontade de crescer logo.

A protagonista do livro *A Bolsa Amarela* sente o peso da discriminação concernente ao sexo feminino quando tenta envolver-se nas brincadeiras consideradas *masculinas* e é barrada pelo preconceito: “(...) Se eu quero jogar pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa”(p.16). E essa é uma das razões pelas quais a vontade de ser menino às vezes *engorda* assustadoramente.

A falta de privacidade sofrida pela protagonista, bem como o desrespeito é outra evidência desse estado de hostilidade freqüente. Com a finalidade de suprir a carência de atenção e amizade entre os seus, Raquel inventa uns correspondentes, com os quais troca bilhetes e cartas confidenciais. Entretanto, algumas dessas missivas são descobertas e apreendidas, sob uma enxurrada de censuras. Com o romance escrito posteriormente, ocorre fato semelhante: é lido sem sua permissão, inclusive pelos vizinhos, sendo motivo de escárnio: “(...) Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história” (p.20). E assim é com os demais segredos da menina, todos a importunam para que exponha o conteúdo da bolsa amarela.

De igual modo, o clima de guerra se mostra no cerceamento da criatividade da pequena, na falta de incentivo de sua família em relação ao desejo de ser escritora: “- Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, heim? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo” (p.17). Ao ouvir essas palavras, o irmão lhe ordena, peremptório: “- Guarda essas idéias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. Ah! E olha: não quero pegar outra carta do André, viu?”(p.17). Por atitudes como essa, Raquel tenta esconder sua vontade de ser escritora.

Na verdade, a menina não apenas considera seus familiares autênticos adversários, mas também assim enxerga suas três vontades, pois que somente lhe causam dissabores. Portanto, em *A Bolsa Amarela*, a protagonista é uma *guerreira*, no sentido proposto anteriormente, visto travar constante batalha contra o meio exterior e o seu eu interior.

E como Raquel enfrenta essas guerras?

Contra a falta de entendimento no seio da família, em lugar de se calar e aceitar as coisas como são, ela questiona o porquê da ausência de paz: “Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga?” (p.18) Por outro lado, a menina encontra meios de manter-se imune ao mau humor prevalecente, elaborando um mundo à parte através de sua

imaginação criadora. Raquel remete-se à natureza, na sua opinião, essencial à serenidade nas relações humanas, escrevendo sobre o quintal da casa onde morava antes, inventando histórias de bichos.

Ao perceber que ninguém em casa a ouve quando quer dar um palpite, que nenhum dos familiares entra em diálogo com ela, Raquel enceta uma batalha contra essa notória indiferença, insistindo em tentar uma saudável comunicação com a família. Por outro lado, a menina busca estratégias para driblar a solidão em que vive, no mundo particular criado por ela e repleto de amigos e amigas.

Raquel se prepara contra o autoritarismo vigente em seu mundo real, usando a arma de que dispõe: a criatividade. No caso da irmã que a prende em casa e propala que manda nela, a revanche vem: “Aí, eu inventei que o Roberto (um grã-fino que ela quer namorar) tinha falado mal dela” (p.14). Por se tratar de um recurso *não tão aceitável* pela família, Raquel provoca mais oposição em relação a si.

No almoço na casa da tia, a menina demonstra que está disposta a lutar pelo livre arbítrio: “Tomei coragem e falei: - Tia Brunilda, a senhora vai me desculpar, mas se tem comida que eu não topo é bacalhau” (p.66). Embora o discurso da pequena seja abafado pela voz paterna, o que depreendemos do incidente, no entanto, é a ousadia de Raquel, em expor suas opiniões.

Contra a discriminação por ser ainda criança numa casa de adultos, a menina mais uma vez lança mão da fantasia a fim de lidar com a situação. Conta as mágoas aos amigos correspondentes; escreve o romance em que o protagonista luta pelo direito de não querer mandar em ninguém; reflete sobre seus amigos abandonados (o alfinete enferrujado, o guarda-chuva quebrado – ambos jogados na rua e adotados por ela). Dessa forma Raquel impede que a vontade de crescer *engorde* tanto que a sufoque.

Em relação à discriminação sofrida pelo fato de ser menina, Raquel enceta uma verdadeira peleja. Quando o irmão descobre a carta do correspondente inventado e lhe pergunta o porquê de haver escolhido um amigo, em vez de amiga, Raquel responde: “Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem o chefe de família: é sempre o homem também” (p.16). E segue expressando sua revolta contra a disparidade de atitudes em relação aos direitos e deveres de um sexo e outro: “É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ver tudo.” (p.16) A menina ainda discorre sobre a pétrea imobilidade da mulher ante a definição de quem será seu parceiro conjugal: “Até pra resolver casamento – então eu não vejo? – a gente fica esperando vocês decidirem.” (p.16) Aliás, constata Raquel, não apenas na esfera do matrimônio a prioridade ao sexo masculino se faz observar, mas em todas as situações, praticamente: “A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente” (p.16). E a conclusão: “Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.”(p.16)

Por essas palavras, nota-se que Raquel sente o preconceito da sociedade em relação às mulheres, todavia não apenas verbaliza suas opiniões contrárias à situação opressiva, mas elabora suas personagens masculinas completamente diferentes dos homens a sua volta. Tais personagens não desejam dominar as mulheres, ou lhes ser superior em qualquer campo de atividade, mas são sensíveis e sempre dispostas a ouvir e entender o sexo oposto.

Assim falando, expondo suas queixas, fazendo outros pensarem ou simplesmente compondo uma sociedade melhor em sua criação literária, Raquel luta para que a vontade de ser menino não se torne vantajada.

Raquel inicia um embate à invasão de sua privacidade. Primeiramente, ao ganhar a bolsa amarela, já usada e meio gasta, a menina transforma-a no esconderijo ideal para suas *coisas secretas*. Nos compartimentos da bolsa distribui os preciosos bens: uma coleção de nomes, o guarda-chuva, o alfinete, as vontades, os dois galos-personagens de seu romance. Depois, providencia um fecho para a bolsa e faz um trato com ele para que não abra caso algum *estranho* ouse desvendar o mistério ali ocultado: “- Escuta aqui fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer, você precisa enguiçar, viu?” (p.29).

Com relação ao desejo de ser escritora, enxergamos uma Raquel em constante batalha. Primeiramente, a menina tenta sufocar sua aptidão para a literatura. Depois, luta para desenvolvê-la, escrevendo a seus amigos inventados. Ao ver que suas cartas são descobertas, desiste de escrever por um tempo. Mais à frente, resolve produzir um romance, que lhe causa problemas, levando-a a novamente tomar a decisão de não escrever mais nada. Não obstante, volta a elaborar outra história e, por fim, decide escrever tudo o que lhe vier à mente: “(...) resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência” (p.93).

É também com a imaginação criadora que Raquel enfrenta a guerra dentro de si mesma. Suas personagens a ouvem e discutem com ela recônditas inquietações. E para obter vitória decisiva no embate *interior*, transforma duas de suas vontades (a vontade de crescer logo e a de ser menino) em pipas e as solta contra a amplidão do céu. Quando percebe que estão no alto, libera-as definitivamente. Contudo, a vontade de ser escritora permanece, pois deixara de incomodá-la desde que decidira escrever sem reservas: “(...) a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio” (p.93).

Por todas essas colocações, testificamos de uma Raquel lutadora, assumindo-se na ficção, um dos exemplos do que algumas mulheres brasileiras dos anos 70 estavam tentando ser: *guerreiras*.

A Bolsa Amarela foi editada pela primeira vez em 1976, um período de grandes mudanças no cenário sócio-político-econômico do Brasil. Importantes questionamentos pairavam nas mentes em relação à educação, à liberdade de escolha, aos papéis do homem e da mulher, à política, aos direitos do cidadão.

A mulher contemporânea ao livro de Lygia Bojunga Nunes é mais questionadora e até se manifesta em represália ao autoritarismo dominante. Em meio aos deveres domésticos e responsabilidade quase exclusiva na educação dos filhos, busca a cidadania a que teria direito. A historiadora Paolla Capellin Giuliani⁵, discorre acerca do assunto:

“...muitas queixas e relatos sobre a discriminação e a segregação sexual conseguem sair das paredes domésticas em que até então estavam enclausuradas e tornam-se fontes de denúncias e de demandas de novos direitos. Tais atitudes conseguem atingir os alicerces das relações sociais questionando os principais espaços coletivos: o local de trabalho, a prática sindical, e a própria família. Grupos de mulheres conseguem criar um novo estilo de reflexão, de mobilização, de debate frente aos tradicionais parâmetros da cultura sindical. Conseguem também, aos poucos, penetrar nos vértices das estruturas de representação tradicionalmente ocupados por homens, nas diretorias das organizações sindicais, partidos políticos, associações, comitês etc.”

Assim, o que se percebe nessa nova mulher é a abertura para uma outra visão de mundo, na qual seus direitos e deveres estariam inseridos. Esses vão despontando e se afirmando paulatinamente a princípio, mas com perspectivas de graduais melhorias.

⁵ GIULIANI, Paolla C. “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira.” In: DEL PRIORI, Mary (org.), BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP/Contexto, 1997, p. 649.

Poderíamos considerar a pequena Raquel uma porta-voz desse período de transformações, no sentido de que ela não se deixa esmagar pela pressão de cima, ou de dentro de si mesma, mas, questiona a si mesma e ao mundo em que vive, aprendendo, por fim, a se dar valor e a entender as pessoas a sua volta.

Em relação ao caráter guerreiro, Raquel nos faz lembrar a juíza bíblica do antigo Israel, Débora; bem como a *donzela-guerreira* dos tempos medievos. Ambas assumiram a posição masculina a fim de resolver uma importante questão de âmbito social. Ambas também empregaram o dom da palavra para obter relevantes transformações na mente de seu povo, ou de sua família.

Débora, única juíza de Israel, através de um discurso contundente, lidera os israelitas à insurreição contra os cananeus por volta do ano 1.125 a.C. Após a vitória, entoava um cântico narrando as causas da opressão cananita sobre seu povo, descrevendo sua atuação política, discorrendo acerca das atividades no campo de batalha, sempre atribuindo o sucesso da empreitada a Deus. Raquel, como Débora, contribui para a mudança de um estado, para uma nova tomada de posição. Se Débora age como nenhuma mulher israelita da época jamais o faria, Raquel, com sua vontade de ser menino, coloca-se no lugar do sexo oposto quando reivindicam direitos semelhantes aos dos homens. E não apenas argumenta em favor de transformações, mas também reinventa o ser masculino com os *novos homens* que cria (as personagens masculinas de suas histórias). Como Débora, Raquel vai minando as resistências com a *palavra*. Da mesma maneira que Débora, Raquel emprega a criatividade, o dom da palavra escrita, a fim de conseguir transformações: Débora compõe um cântico, Raquel escreve histórias.

Quanto à *donzela-guerreira* medieval, essa é a protagonista de uma antiga narrativa que percorre o mundo sob os mais diversos moldes. Em Portugal, dentre as muitas versões,

observamos a de Almeida Garrett⁶, a qual, por sua vez, ganhou roupagens modernas com o livro *Donzela que vai à Guerra*⁷, do português António Torrado, em que a protagonista é denominada Guiomar. Raquel se assemelha a Guiomar, no sentido de que ambas são obstinadas em alcançar seus objetivos. Guiomar convence o pai a deixá-la ir aos campos de batalha, empregando a sábia palavra; Raquel resolve seus conflitos também pela palavra criativa. Guiomar parte às guerras, mesmo contra a vontade do pai; Raquel persiste em criar um mundo imaginário que a faça entender o real, não obstante o desincentivo da família. Como Guiomar, Raquel *veste-se* de homem, ao se colocar na pele de Afonso (personagem masculina de seu romance), e sai à luta por um ideal. Da mesma forma que a donzela medieval, a menina Raquel vivencia o ser masculino e retorna para casa amadurecida e transformada.

Nesses três perfis de *mulheres guerreiras* (que bem poderiam representar a luta que a mulher vem travando para afirmar seu lugar na sociedade desde os tempos antigos, o período medieval e a época contemporânea), quase podemos visualizar uma *única* mulher: a que não se cala, não se conforma com a situação que se lhe impuseram, que se levanta e luta.

A intertextualidade explícita entre as três narrativas aparece em vários aspectos, mas o mais observável, talvez, seja com respeito à escolha dos nomes das personagens. Como afirmam os teóricos Wellek e Warren⁸, a “mais simples forma de caracterizar as personagens é pelos nomes delas. Cada ‘apelação’ é uma espécie de vivificação, animização, individuação”. Aguiar e Silva⁹, por sua vez, preconiza: “O nome é um elemento importante na caracterização da personagem (...) funciona como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.) da personagem fosse motivada

⁶ ALMEIDA GARRETT, Joaquim M. L. *O Romancista*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1949.

⁷ TORRADO, António. *Donzela que vai à Guerra*. Lisboa: Plátano, 1984; _____. _____. Aparecida: Vale Livros, 1994.

⁸ WELLEK, René, WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa, Europa-América, 1962, p. 276

⁹ AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. *A Estrutura do Romance*. Coimbra: Almedina, 1974, p. 34-5.

intrinsecamente.” Raquel é nome bíblico, hebraico e quer dizer *mansa como uma ovelha*. Raquel não gosta de seu nome e prefere Lorelai, de origem germânica, significando *firme como a rocha*. A menina escritora escolhe o nome André (bíblico, grego, com o significado de *forte, viril*) para seu correspondente imaginário e Afonso (de origem germânica, significando *espírito combativo*) para a personagem principal de seu romance. Guiomar é nome de origem germânica e quer dizer gloriosa. A donzela assume a aparência de um guerreiro e atribui-se o nome João (bíblico, hebraico, tendo como significado *graça ou favor de Deus*). Portanto, podemos efetuar uma leitura paralela dos significados dos nomes em questão: Raquel não quer ser mansa como uma ovelha, pois considera esse aspecto referente à feminilidade que ela quer anular, para então poder ser um menino forte, viril, combativo. Em dúvida quanto à aceitação de seu sexo, ainda prefere ser firme como uma rocha, do que assemelhar-se a um animal dócil e submisso quanto uma ovelha. Como Débora não tem problemas com sua feminilidade, o que mais ressalta-se no caso de seu nome, é a analogia que se pode fazer em relação ao significado: *abelha*, um inseto sempre ligado à idéia de laboriosidade incessante, dignidade, honra e ascensão social. Dessa forma, através dos nomes das personagens, bem como da apresentação de seu caráter, observa-se estreita ligação entre as narrativas, o que contribui para corroborar a idéia de que todo texto é absorção e transformação de outro texto¹⁰.

¹⁰ KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse. Essais*, Paris: Seuil, 1969.